

CAVALO NA PAISAGEM





Óleo s/ tela 31 x 42 cm – 2002



Corria o Ano da Graça de 1813. José Bonaparte estava na mó de baixo, em maré de azar.

Alguém lhe tinha vindo dizer que teria de enfrentar o Duque de Wellington, lá para os lados de Vitória. Passava-se isto em Espanha, quase em cima do início do Verão; estava para acontecer o solstício de Junho.

Bonaparte, a quem já, em boa verdade, a coroa pesava em demasia, quis consultar o Além e saber que futuro lhe prediziam os entendidos na matéria, os tais que adivinhavam o que estava para acontecer, quando levantavam o dedo mindinho e, ao sabor do vento, conforme a sua inclinação, anunciavam júbilo ou desgraça.

Montou o seu belo cavalo e dirigiu-se à tenda do descendente do último druida gaulês.

Ora este, que de adivinho tinha tanto como de sensato, ergueu o seu dedito mágico e logo lhe disse que via as coisas difíceis para os franceses e que, inclusivamente, as arcas que o exército carregava com as jóias da coroa espanhola, não chegariam a abandonar o solo de origem. O panorama estava mesmo muito mau!

Mortos e feridos aos montes, baionetas e sabres e outras coisas à mistura, cabeças, como pedras, a rolar pelo chão, gritos e confusão generalizada, era isto, segundo o “vidente” o que estava prestes a acontecer.

“Ó diabo!”, pensou Bonaparte. “Lá terá de ser, mas estou mortinho por ir embora. O pequenitades do meu irmão sempre foi ambicioso, mas, agora que a situação se complicou, devíamos era tratar de refrear esta mania das grandezas que nos corre nas veias. Melhor seria que regressássemos o mais pacatamente possível a casa e nos deixássemos de ideais imperialistas!” (Mal sabia ele de que forma lhe haveriam de gastar estas palavras nos séculos vindouros...)

O cavalo de José Bonaparte tinha ficado à entrada da tenda, obediente, aguardando o dono.

Ouviu, claro, o auspicioso discurso e pensou” Bonito! Há-de ser forte e feio! Até agora tenho escapado, mas não sou gato, nem terei sete vidas e, pelas minhas contas, considerando aquilo por que já passei, tenho andado a tentar a sorte há muito tempo. Isto não há-de durar sempre. Valha-me Santa Cavalina! E se eu me pusesse a andar daqui para fora? Naturalmente arranjavam logo quem me substituísse. Cavalos não faltam. Não me está a apetecer nada ser carne para canhão!”

Do pensamento à acção foi um ápice. Conseguindo libertar-se sem chamar a atenção, foi-se o cavalo afastando devagar, a passo, mais adiante a trote e, finalmente, quando lhe pareceu ser mais seguro, a galope.

Galopou até não poder mais. Aí decidiu descansar.

Ao dar por si de novo, encontrava-se no meio de um bosque frondoso, pleno de cambiantes, num lugar que lhe soube bem e cheirava a perfume de rosas.

Lembrou-se, então, da égua que Julie, a mulher de Bonaparte, montava, quando a conhecera em Nápoles. A sua elegância nunca ele a tinha esquecido; pena era que Julie não tivesse querido viver com o marido em Espanha. Se o tivesse feito, a sua égua preferida tê-la-ia, sem dúvida, acompanhado. Os dois teriam, assim, convivido mais e, quem sabe, se não teriam, até, constituído família...

O cavalo de Bonaparte era mais ou menos tímido. Nunca se tinha afeiçoado muito ao dono que achava demasiado belicoso e amigo de tronos que só davam problemas: "Que vida cansativa e perigosa. E logo eu, que sou pacífico... Bem, pelo menos safei-me a tempo e horas. Isto de ser cavalo real tem muito que se lhe diga! Só não percebo é como é que nunca deram conta! Não há dúvida: quem vê caras, não vê corações!"

Assim fomos encontrar o cavalo de Bonaparte nostálgico, mas em paz, longe da fúria devastadora do campo de batalha, tranquilo por ter, digamos, "desertado".

Não podemos afirmar que se estivesse "a marimbar" para a pátria, sua honra e glória. Não! De modo nenhum! Simplesmente prezava, acima de tudo, a sua vida de equino e entendia que poderia ser mais útil vivo do que morto. Era um cavalo pragmático.

Tratara, pois, de salvar a pele.

P.S. A Ludwig van Beethoven os meus veementes agradecimentos pela sua Op. 91. Foi ao som da Vitória de Wellington que se foi desenvolvendo esta história.